

A RETÓRICA – SUA ANCESTRALIDADE E A IMPRESINDIBILIDADE DO SEU USO NO UNIVERSO DA LINGUAGEM

Recebimento do artigo: 15/09/2008

Aprovado em: 23/06/2009

Humberto Lima de Aragão Filho

São Paulo, SP, Brasil

aragaohumberto@uol.br

Mestre e Doutor em Letras (FFLC/USP).
Professor das Faculdades Integradas Rio
Branco.

Sumário

1 A retórica e a liberdade de expressão. 2
Origens da retórica. 3 Significados e usos
da retórica. 4 Retórica e linguagem – a
nova retórica. 5 A retórica na atualidade.
6 Conclusão

Resumo

A retórica embala os sonhos e os ideais do homem de todos os tempos. O discurso laudatório dos rapsodos gregos, a elocução profética vétero-testamentária, a verbosidade do pleito advocatício, o caráter assertivo dos tratados filosóficos mesclam-se ao emaranhado de vozes que pululam na sociedade contemporânea, argumentando e persuadindo, conquistando pelo sentimento ou convencendo pela razão, numa revitalização da expressão maior de nossa humanidade – a linguagem.

Palavras-chave

Retórica, dialética, palavra, persuasão e oratória.

Abstract

Rhetoric rocks dreams and ideals of men of every time. The laudatory speech of Greek rhapsodies, the prophetic elocution of the Old Testament, the verbosity of the lawsuit, the assertive character of philosophical treatises blend with a tangle of voices that swarm in contemporary society, arguing and persuading, capturing by feelings or convincing by reason, in a renewal of the greatest expression of our humanity – language.

Key words

Rhetoric. Dialectic. Word. Persuasion. Oratory.

156 **1 A retórica e a liberdade de expressão**

A Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, promulgada na França pela Assembleia Constituinte de 1789, afirmou que a liberdade de expressão é um dos direitos mais preciosos do ser humano, direito este que se exercita no estado democrático, no qual o pluralismo de pensamento torna ressonantes a retórica, o diálogo e a persuasão.

A polifonia de ideias contrastantes suscita a força da linguagem, instrumento maior da comunicação entre os homens. Comunicamo-nos por meio das imagens, das músicas e dos gestos, mas é a linguagem que verseja emoções e sentimentos, que compõe e alardeia a utopia dos sonhos, que promulga as leis e determina o seu cumprimento, que se arvora em paladino dos combalidos e injustiçados, na defesa de uma vida plena de dignidade e justiça.

E quando a voz da prepotência pretende cercear o direito à palavra, oráculos, vates, rapsodos, retores, profetas e tribunos clamam em unísono contra a clausura do silêncio, como o fizeram sempre todos os oradores no transcorrer da história, exaltando a importância da retórica e da linguagem.

2 Origens da retórica

Na antiguidade helênica, a retórica foi contraposta à gramática. Enquanto esta designava a arte de escrever, a retórica (no grego *retoriké*) era considerada a arte de falar em público de modo persuasivo. O vocábulo “arte” originou-se do latim *ars, artis*, que significa conhecimento ou habilidade desenvolvidos pelo estudo ou experiência¹. Considerando-se que falar é uma arte por excelência, a retórica é uma arte que deve ser cultivada. Um dos sofistas, Górgias, conceituou-a como um dom que tanto pode causar deslumbramentos como envenenar ideias.

A origem da retórica é a palavra, o exercício da comunicação, que exprime a essencialidade de nossa condição de seres humanos. A palavra, por sua vez, remonta ao verbo demiúrgico do evangelho, metáfora da força criadora donde a energia produziu o universo dos sons, das imagens e dos signos – o universo da linguagem: *No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus*².

Para o cristianismo, a palavra (*lógos* no grego) é o elemento primordial da criação de Deus, que engendrou, pelo verbo, a refulgência da luz perante a escuridão: “*Dixit Deus: “Haja Luz” e houve luz*”³.

¹ TORRINHA, Francisco. **Dicionário latino-português**. 3 ed. 3ª tiragem. Porto: Gráficos Reunidos, 1986, p. 77.

² Jo 1.1. **A Bíblia de Jerusalém**. 2ª impressão. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 1985.

³ Gn 1.3. **A Bíblia de Jerusalém**. 2ª impressão. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 31.

O *fiat lux* é a expressão que dissipa a escuridade do caos, para fazer emergir a luz, projetando-a de forma resplandecente no firmamento.

De acordo com os evangelhos, na plenitude dos tempos, para comunicar-se de maneira mais audível, **a palavra** assume corporeidade na pessoa do Cristo, corporeidade esta que transcende a mera articulação dos sons, materializando-se na personificação da voz divina.

Os profetas do Velho Testamento exercitaram a palavra na imprecação de suas mensagens.

O próprio vocábulo “profeta” deriva-se do hebraico *nabi*, que designa aquele que **fala** em nome de Deus, e do grego *prophétes*, que significa pessoa que **fala** em lugar de outra como intérprete, homem especialmente dotado para declarar a vontade de Deus em um discurso, relacionando-a ao presente ou como uma visão do futuro⁴. O profeta é, portanto, um porta-voz, um oráculo, um orador que transmite aos homens a vontade de Deus, desvendando-a. Mesclando o clamor profético a um vislumbre literário, muitas profecias orlaram o espaço poético abeirando-se ao sublime.

As funções dos profetas abrangiam a reflexão sobre acontecimentos atuais e passados e o cuidado da instrução do povo hebreu dentro dos parâmetros do monoteísmo ético.

Aqueles que escutavam a eloquência de suas palavras assumiam postura receptiva que não os deixava incólumes ao clamor visionário.

A profecia clássica tem início com o profeta Amós (820 a.C.), cujo teor profético ressalta a ideia da universalidade de Deus, embora Isaías seja o vate por excelência do profetismo vétero-testamentário.

A valorização da mensagem a ser transmitida exigia da fonte ou do emissor uma identificação profunda com o seu conteúdo. O profeta Ezequiel teve de comer um rolo dado por Deus, no qual encontravam-se escritos “lamentações, gemidos e prantos”⁵ para poder falar à casa de Israel:

Então disse-me: “Filho do homem, come o que tens diante de ti, come este rolo e vai falar com a casa de Israel”. Abri a boca e ele me deu o rolo para comer. Em seguida, disse-me: “Filho do homem, ingereeste rolo que te estou dando e sacia-te com ele”. Eu o comi. Na boca parecia-me doce como o mel⁶.

⁴ SOUTER, Alexander. **A pocket lexicon to the Greek New Testament**. London: Oxford University Press, 1972, p.222-223.

⁵ Ez 2.10. **A Bíblia de Jerusalém**. 2ª impressão. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 1606.

⁶ Ez 3.1-3. **A Bíblia de Jerusalém**. 2ª impressão. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 1606.

A intenção do texto é enfatizar essa identidade com a mensagem, uma espécie de subjetivação, condição *sine qua non* para a adesão do interlocutor a um valor que está sendo apresentado. A ressonância da mensagem profética teria de ecoar fundo nos corações destinatários.

Outro elemento imprescindível para a concretização da mensagem profética era a relação entre o proclamador, o contexto sócio-político e o povo para quem a mensagem destinava-se. Martin Buber, no livro *Eu e tu*, pondera que a comunicação atinge seu propósito quando se torna alteridade, isto é, quando proporciona um encontro com o outro. Para ele, nem Deus pode prescindir deste encontro: *Como existiria o homem se Deus não tivesse necessidade dele; como tu existirias?*⁷ Trata-se de uma necessidade discursiva: o Deus que fala e o homem que escuta e, por meio da prece e da oferenda, responde – a verdadeira relação envolve reciprocidade.

Entre os gregos, a reciprocidade é discursiva e dialética.

O discurso laudatório dos rapsodos gregos, enaltecendo deuses e heróis, e a narrativa mítica de suas lutas e batalhas preludia a configuração retórica da Antiga Grécia. Praticamente, a “retórica”, abrangendo o aspecto argumentativo da linguagem, e a “dialética”, desenvolvendo o raciocínio, nascem juntas. Do ponto de vista etimológico, “dialética” significa “a fala por meio de dois” ou “a fala que se cria por meio de dois”, “a alternância da palavra”⁸.

A Grécia do Séc. V a.C. presenciou a retórica sofisticada e a dialética socrática. Os sofistas foram educadores da classe burguesa, que assumiu o poder político e que não desfrutava da eloquência e da capacidade persuasória dos antigos representantes aristocráticos. Mestres do saber político e da arte retórica, os sofistas ensinavam as habilidades da polêmica e as sutilezas oratórias, falseando muitas vezes a verdade para corroborar a sustentação de um ponto de vista. A atitude evidencia o caráter pragmático da retórica: ganhar o interlocutor, mesmo com a utilização de um discurso inverossímil, falacioso.

Sófocles, um dos maiores dramaturgos gregos, ao lado de Eurípides e Ésquilo, na tragédia *Filoctetes* (o drama de um homem injustiçado e abandonado pelos seus companheiros de jornada, uma saga pertencente ao ciclo troiano), apresenta-nos dois exemplos retóricos, contrapondo a mentira e a verdade.

O primeiro ocorre no início do texto, quando Ulisses explica a Neoptólemo, filho de Aquiles, o herói mais importante da guerra de Troia, como ele deve aproximar-se de Filoctetes para tomar-lhe o arco e as flechas, que tinham pertencido a Hércules:

⁷ BUBER, Martin. *Eu e tu*. 8.ed. São Paulo: Centauro, 2004, p. 106.

⁸ SOUTER, Alexander. *A pocket lexicon to the Greek New Testament*. London: Oxford University Press, 1972, p. 63.

É preciso que iludas com as tuas palavras
o espírito de Filoctetes.
Quando ele te perguntar quem és e donde vens,
responde que és filho de Aquiles; isso, não o debes ocultar.
Mas acrescenta que navegas de regresso a casa, depois de abandonar
a frota
dos aqueus, contra quem concebeste um ódio mortal;
foram eles que, com súplicas, te induziram a partir de casa,
por ser esse o único meio de conquistar Ílion,
e, uma vez chegado, não consentiram em dar-te as armas de Aquiles,
quando legitimamente as pedias,
mas pelo contrário, as entregaram a Ulisses.
De mim diz o que quiseres, as mais ultrajantes injúrias.
Nada disso me afligirá; pelo contrário,
se não fizeres o que te digo, lançarás a desgraça sobre todos os argivos.
De fato, se não lhe retirarmos o arco,
não podes destruir a terra de Dárdano.⁹

A técnica discursiva não tem preocupação com a verdade dos acontecimentos, forjando-os para conquistar o interlocutor.

Filoctetes prometera a Hércules não revelar o local onde as suas cinzas seriam enterradas, promessa que acabou não cumprindo. Como castigo, foi mordido por uma víbora guardiã do santuário da ninfa Crise e acometido de uma enfermidade que exalava odor insuportável.

Em certa ocasião, Ulisses abandonou-o na Ilha de Lemnos, localizada no mar Egeu, juntamente com o famoso arco de Hércules e as setas envenenadas. Na tragédia, durante a guerra de Troia, Heleno, o adivinho troiano, vaticinou que os gregos só seriam vitoriosos com a presença dessa poderosa arma. Ulisses abandona os campos de Troia para convocar Filoctetes para a luta. Sabedor do ressentimento causado por sua atitude, ao abandoná-lo em Lemnos, instrui Neoptólemo a seduzir Filoctetes com dizeres enganosos. Neoptólemo ressalta que está preparado para sobrepujar Filoctetes à força, pois tem aversão ao comportamento fraudulento; contudo, Ulisses, astuciosamente, pondera que as palavras são mais eficazes do que as ações: *Hoje, com a experiência, vejo que, entre os mortais, são as palavras e não as ações que conduzem tudo.*¹⁰ Almejando conseguir, dentro de situação discursiva, o arco e a flecha de Hércules, além de glória e fama, Neoptólemo acata a orientação de Ulisses e ludibria Filoctetes, que se deixa enganar por suas palavras. Diante do sofrimento de Filoctetes, entretanto, Neoptólemo decide revelar-lhe o embuste e lhe devolve as armas.

⁹ SÓFOCLES. **Filoctetes**. Trad. José Ribeiro Ferreira. Porto Alegre: Movimento, 2002, p. 32, Vv. 55-70. (Grifo nosso).

¹⁰ Idem, *ibid.*, p. 33, V. 99.

160 Neoptólemo é-nos apresentado como personagem de traços ambíguos – de um ângulo, o filho de Aquiles é valoroso herói que provoca temor em seus inimigos; e, de outro, um nobre guerreiro que é capaz de reconhecer, com humildade, seus desatinos.

Sabedor da verdade, Filoctetes retroage e resiste aos argumentos para auxiliar os aqueus nos campos de Troia.

O segundo exemplo retórico ocorre no desfecho da tragédia, quando Hércules surge como *deus ex machina*, e o discurso abrange o aspecto argumentativo da linguagem verbal, no qual manifesta-se de forma persuasiva, e porque emotivo, apela aos sentimentos, e porque convincente, apela à razão:

Ainda não, sem primeiro ouvires,
ó filho de Poiante, as minhas palavras.
Fica certo de que a voz de Hércules
teus ouvidos escutam e teus olhos vêem sua imagem.
Em atenção a ti as mansões celestes
deixei e venho
para te revelar as decisões de Zeus
e desviar do caminho que pretendes seguir.

Presta atenção às *minhas palavras*.

Em primeiro lugar, vou contar-te a minha sorte,
os trabalhos que sofri e suportei,
antes de adquirir a glória imortal que podeis contemplar.

Também a ti, podes crer, te está destinada sorte igual:
ter uma vida gloriosa, depois dos sofrimentos de agora.
Depois de partires com este homem para a cidade de Troia,
serás primeiro libertado da amarga enfermidade;
depois, eleito pelo teu valor como o mais valoroso de todo o exército,
com as minhas flechas despojarás da vida a Páris,
que foi o causador de todas as desgraças,
e arrasará Troia.

(...) A ti, filho de Aquiles, dirijo também os meus conselhos,
pois nem tu podes tomar a cidade de Troia sem ele, nem ele sem ti.
Como uma parelha de leões que vivem juntos,
deveis guardar-vos mutuamente: ele a ti e tu a ele.

(...) Pela segunda vez, essa cidade deve ser conquistada.
com as minhas armas.

Mas atendei ao seguinte: quando tiverdes devastada a terra,
sede reverentes para com os deuses.

Zeus Pai considera de somenos todo o resto.

É que o respeito pelos deuses não perece com os mortais.

Quer eles vivam, quer morram, não se desvanece¹¹.

Neste desfecho, deparamo-nos com dois dos modos pelos quais, segundo Ezra Pound, a linguagem torna-se possuída de significado: a emersão de um objeto à

¹¹ Op. cit., p. 92-93, Vv. 1410-1444. (Grifo nosso).

imaginação visual e as associações emocionais e intelectuais.

A intervenção do *deus ex machina* – uma espécie de epifania – a evocação do passado, o apelo aos sentimentos e aos atos heroicos, o arcabouço racional do convencimento possuem imantação maior do que as palavras sedutoras do filho de Aquiles, o que predispõe Filoctetes a combater os troianos. Venceu o argumento verossímil, eloquente, trabalhado pela retórica.

Hércules dirige-se tanto a Filoctetes como a Neoptólemo concitando-os a lutarem unidos, defendendo-se mutuamente. A divindade contempla a natureza heroica do jovem guerreiro, corolário da linhagem dos antepassados, herdada de Aquiles; e a educação forjada na nobreza de caráter e na coragem elevada ao patamar de procedimento virtuoso.

Cotejando os argumentos de Neoptólemo e de Hércules, deduzimos que o filho de Aquiles falhou, quando não insistiu no argumento teológico, deixando de enfatizar a vontade dos deuses, e, apesar do tom oracular de sua voz, portou-se como se o oráculo não existisse ou fosse tratado com displicência. Hércules, ao contrário, manifesta-se como o que interfere no destino dos homens e exige reverência que transcende a temporalidade da existência humana. Neoptólemo falhou quando deixou de mencionar que a presença de Filoctetes, nos campos de Troia, faria cessar o sofrimento de milhares de soldados gregos, que há dez anos sitiavam a muralha inimiga; Hércules, contudo, considerou-a imprescindível no desenrolar dos combates que dariam a vitória aos gregos.

O discurso de Hércules, endossado por sua aparição divina, fundamenta-se na integridade do herói e na sinceridade de suas palavras. Filoctetes não foi tratado como alguém que seria induzido pela falácia de Ulisses, mas como destinatário das deliberações de Zeus, das promessas de um destino glorioso, transmitidas mediante a proclamação retórica que precipita solenemente o desenlace da tragédia.

3 Significados e usos da retórica

Quem primeiro utilizou-se do termo *retoriké* foi o filósofo Platão. Criticando a retórica, no diálogo *Górgias*, questiona-a como expressão artística e define-a como mero exercício linguístico, que tem como finalidade exclusiva a persuasão. Em *Fedro*, Platão considera que a retórica não demonstra quaisquer preocupações com a verdade, diferentemente da Filosofia que a exalta como valor supremo.

Aristóteles, discípulo de Platão, conceitua a retórica como *uma Arte* – a arte de comunicar-se – desvinculando-a do seu caráter encantatório para transformá-la em

162 instrumento elucidativo da verdade¹². Fundamentando-se na logicidade do pensamento, Aristóteles a aproxima analogicamente da dialética.

Na *Arte Retórica*, escreveu que a tarefa da retórica *não consiste em persuadir, mas em discernir os meios de persuadir a propósito de cada questão*¹³. Preocupava-se com a habilidade do discernimento sobre os elementos a serem utilizados para persuadir um auditório.

Na época de Aristóteles, os chamados retores, mestres da eloquência, estruturaram o discurso em quatro partes: o exórdio, a narração, as provas e o epílogo ou peroração. Aristóteles conceitua-as¹⁴.

O exórdio é o princípio do discurso, o seu momento inicial, correspondente ao prólogo poético e ao prelúdio na aulética – apresentação musical por meio da flauta ou aulo. Nos discursos e nos poemas épicos o exórdio sinaliza ao ouvinte a abordagem temática a ser exposta. No exórdio de uma peça defensiva, refuta-se, de imediato, a acusação; numa peça acusatória, apresentam-se os argumentos de acusação.

A narração e as provas são imprescindíveis a toda forma discursiva. A narração deve compor-se da “justa medida”, isto é, da exposição de elementos ilustrativos e comprobatórios de todos os fatos ocorridos e que constituem um dano ou uma injustiça. As provas devem ser cabalmente demonstradas.

A peroração ou epílogo é o desfecho do discurso. Nele, o retor dispõe o ouvinte a seu favor ou contra o adversário, amplia ou atenua a intensidade de seus argumentos, excita a paixão dos ouvintes (tais como a compaixão, a indignação, a cólera, o ódio, a inveja, a cobiça e o espírito de contestação) ou faz a retrospectiva do seu discurso, enfatizando nuances que devem fixar-se na lembrança do auditório.

Aristóteles não redesenhou a estrutura do discurso, mas o classificou em três gêneros: o deliberativo, o demonstrativo ou epidítico e o judiciário. Semelhantemente, estabeleceu três elementos constitutivos do discurso: *a pessoa que fala, o assunto de que se fala e a pessoa a quem se fala*, isto é, o ouvinte¹⁵. O propósito final do discurso refere-se ao ouvinte, designado de espectador ou juiz. Se espectador, manifesta-se sobre a faculdade oratória; se juiz, deve pronunciar-se sobre o passado ou o futuro – a função decisória sobre o futuro é de incumbência do membro da assembleia, o pronunciamento sobre acontecimentos pretéritos está na alçada da magistratura

¹² ARISTÓTELES. *Arte retórica e arte poética* (Col. Universidade de Bolso). Trad. de Antônio Pinto de Carvalho. Rio de Janeiro: Ediouro, s.d., p. 29.

¹³ Idem, *ibid.*, p. 31.

¹⁴ v. ARISTÓTELES. *Arte retórica e arte poética* (Col. Universidade de Bolso). Trad. de Antônio Pinto de Carvalho. Rio de Janeiro: Ediouro, s.d., p. 205-221.

¹⁵ ARISTÓTELES. *Arte retórica e arte poética* (Col. Universidade de Bolso). Trad. de Antônio Pinto de Carvalho. Rio de Janeiro: Ediouro, s.d., p. 39.

propriamente dita¹⁶.

O gênero deliberativo do discurso aconselha ou desaconselha, seja sobre uma questão de interesse particular ou público. A finalidade deliberativa é o “útil” e o “prejudicial”. A temática do discurso deliberativo inclui os recursos financeiros, a defesa territorial, a questão da guerra e da paz, as atividades de importação e exportação e a legislação. Veicula-se ao futuro¹⁷.

O gênero demonstrativo ou epidítico, de inclinação ostentatória, abrange duas partes: o elogio e a censura. O elogio, a exaltação das virtudes; e a censura, a ridicularização dos vícios, compunham o exercício retórico na Antiga Grécia. O orador assume importância maior do que as suas palavras, centralizando a força persuasiva em seus recursos oratórios. Veicula-se ao presente¹⁸.

O gênero judiciário situa-se nas áreas de acusação e de defesa. Reflete sobre “o justo” e o “injusto”. O discurso judiciário possui a incumbência de analisar os descabros pertinentes ao ser humano e que o conduz às raias da irracionalidade delituosa. Veicula-se ao passado¹⁹.

Para Aristóteles, o sucesso da retórica fica na pendência do caráter moral do orador, da sinceridade que as suas palavras sejam capazes de imprimir ao auditório, na disposição receptiva dos ouvintes e no teor demonstrativo do discurso. A retórica, como a dialética, ambas artes que primam pela excelência, uma da expressão, outra do raciocínio, dispensa o discurso sofisticado, não prescindindo do verdadeiro, do verossímil e do plausível.

Cícero, político e orador romano, cujo estilo moldou a retórica latina, assinalou a existência de três aspectos pertinentes à retórica: *docere, movere e delectare*. *Docere*, etimologicamente, “fazer aprender”, “ensinar”, “instruir”, relaciona-se à transmissão do conhecimento, de noções intelectuais; *movere*, “impressionar”, “causar impressão”, “comover”, tem como propósito atingir a sensibilidade emotiva do ouvinte; e *delectare*, “deleitar”, “encantar”, “atrair” de tal maneira a atenção do auditório, que o mesmo sentir-se-á maravilhado com a exposição do discurso.

Esse tríptico aspecto encontra-se presente nas homilias dos Padres da Igreja, cujos sermões, de teor moralista e catequético, delinearão a essência do discurso

¹⁶ ARISTÓTELES. **Arte retórica e arte poética** (Col. Universidade de Bolso). Trad. de Antônio Pinto de Carvalho. Rio de Janeiro: Ediouro, s.d., p. 39.

¹⁷ ARISTÓTELES. **Arte retórica e arte poética** (Col. Universidade de Bolso). Trad. de Antônio Pinto de Carvalho. Rio de Janeiro: Ediouro, s.d., p. 39.

¹⁸ ARISTÓTELES. **Arte retórica e arte poética** (Col. Universidade de Bolso). Trad. de Antônio Pinto de Carvalho. Rio de Janeiro: Ediouro, s.d., p. 39.

¹⁹ ARISTÓTELES. **Arte retórica e arte poética** (Col. Universidade de Bolso). Trad. de Antônio Pinto de Carvalho. Rio de Janeiro: Ediouro, s.d., p. 39.

164 religioso. No célebre *Sermão da Sexagésima*, o Pe. Antônio Vieira teoriza a oratória e o orador sacro, ressaltando a dicotomia entre “o falar” e “o fazer”: *Palavras sem obras, são tiros sem bala; atroam, mas não ferem*²⁰. Sermão de cunho apologético, exortativo, moral e didático, nele, Vieira constrói um fraseado cuja logicidade estrutural é mesclada de expressões alegóricas e antitéticas.

Uma dicotomia entre prédica e prática induz a retórica ao discurso empolado, artificial e vazio de conteúdo, e a persuasão ao discurso fraudulento e enganoso. É nesse diapasão que a retórica manifesta-se nos séculos XVIII e XIX, distanciando-se de seu caráter compositivo para moldar-se ao conceito de “adereço”, de mero ornamento discursivo, de um discurso meramente ornamental.

4 Retórica e linguagem - a nova retórica

Nos anos sessenta do século passado, Chaïm Perelman, expoente dos pesquisadores da Universidade de Bruxelas, em seu livro *Tratado da Argumentação*, reflete sobre a importância da retórica, que define como “a arte de argumentar”, e se propõe a estruturar “a nova retórica”.²¹

A nova retórica visa ao estudo das figuras de linguagem ou translações (que redefinem o significado lógico das palavras, concedendo-lhes um novo dimensionamento, capacitando-as a criar outros efeitos estilísticos de impacto conceitual ou emotivo, com o propósito de cativar a atenção do receptor), e o estudo das técnicas de argumentação. O processo argumentativo sustenta-se em um tripé: auditório, discurso e orador – três elementos que se complementam, pois o discurso e o orador não têm significado sem a existência de um auditório que lhe escute o enunciado. O auditório, formado por um grupo ou grupos de pessoas, é o receptor da argumentação proferida com o objetivo de, persuasivamente, conquistar-lhe a adesão. Um ponto fundamental na conquista da adesão de um auditório seria a *presença*: a disposição de manter vívidos na consciência objetos, pessoas, emoções – reais ou imaginários – mesmo sem a existência de provas que os corrobore, sustentando-os por meio da sensibilidade e da emotividade do receptor. A ênfase repetitiva do que foi dito, repisando expressões, é um recurso para a consolidação da *presença*, reforçando o conteúdo do enunciado²². Um exemplo inesquecível de ênfase repetitiva foi o discurso do pastor batista e líder de movimentos pelos direitos civis nos Estados

²⁰ SERMÕES: **Padre Antônio Vieira** (Tomo I). Org. e introdução Alcir Pécora. São Paulo: Hedra, 2000, p. 36.

²¹ PERELMAN, Chaïm & OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado de argumentação**. Trad. de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1996, p. 5.

²² PERELMAN, Chaïm & OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado de argumentação**. Trad. de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1996, p. 198.

Unidos, Martin Luther King Jr., que, no ano de 1963, organizou a marcha pacífica nas proximidades do Memorial Lincoln, em Washington e, diante de 200.000 pessoas, pronunciou um discurso, retomando, durante toda a fala, a expressão: *I have a dream*. Carismático, o Dr. King reivindicava os direitos civis para a população negra e contestava a displicência da sociedade americana para com os mais pobres.

O orador deve ser alguém que inspire confiança no auditório, para que este sustente a credibilidade ao discurso proferido; exerça uma espécie de conciliação mediante a solidariedade e a estima; e assuma a função de mentor, aconselhando, dirigindo e advertindo com prudência e perspicácia sem causar constrangimento ao auditório. Torna-se fulcral que o auditório, diante da apresentação de uma argumentação, não seja tolhido em sua liberdade de escolha.

Perelman compreende que deve existir uma postura interativa entre o orador e o seu auditório, advindo desta interação um “nós” persuasivo, por meio do qual o orador assuma identificação com o público e o torne partícipe de sua atividade.

O teor retórico vincula-se à linguagem verbal dentro de um matiz argumentativo convincente ou persuasivo, trabalhando a verossimilhança, a probabilidade e a plausibilidade, priorizando-as à demonstração.

Eni Orlandi, no livro *A linguagem e seu funcionamento*, delineia três tipos predominantes de discurso: o lúdico, o polêmico e o autoritário, havendo a possibilidade dos estilos entrecruzarem-se, o que permitiria, nesse caso, a prevalência de um estilo sobre outro²³.

O discurso lúdico, mais flexível, é um discurso de ruptura, subtrai o teor persuasivo e minimiza seu tom imperativo e apodítico. O dialógico realiza-se mediante um jogo intercalado, como o próprio nome o exprime, em que as palavras assumem uma polissemia, dando origem a novas acepções. Acha-se presente nos textos poéticos e musicais, nos quais o universo linguístico esboça as mais variadas alternativas de expressão²⁴.

O discurso polêmico assume controle polissêmico, intensifica o teor persuasivo, de modo a fazer prevalecer um ponto de vista sobre outro. Essencialmente argumentativo, é o discurso presente nos pleitos advocatícios, na defesa das teses e nas querelas políticas, etc²⁵.

²³ ORLANDI, Eni P. **apud** Citelli, Adilson. **Linguagem e persuasão** (Série Princípios nº 17). 16.ed. 1. impressão. São Paulo: Ática, 2004, p. 48.

²⁴ ORLANDI, Eni P. **apud** Citelli, Adilson. **Linguagem e persuasão** (Série Princípios nº 17). 16.ed. 1. impressão. São Paulo: Ática, 2004, p. 48-49.

²⁵ ORLANDI, Eni P. **apud** Citelli, Adilson. **Linguagem e persuasão** (Série Princípios nº 17). 16.ed. 1. impressão. São Paulo: Ática, 2004, p. 49-50.

O discurso autoritário plenifica o teor persuasivo. O exercício prepotente do discurso incorpora perfil monologuista para concretizar sua intenção. De caráter intransigente, refuta quaisquer argumentos que o contestem. É o discurso presente no dogmatismo religioso, no despotismo dos regimes ditatoriais e até mesmo na retórica publicitária que pretende impor ao consumidor, de forma unilateral e explícita, a aquisição de um produto novo²⁶.

5 A retórica na atualidade

Atualmente, a retórica assume papel fundamental na análise do discurso, na construção de suas palavras e na reflexão sobre os recursos argumentativos, concedendo-lhe a amplitude que o projeta aos diversos campos discursivos: o pleito advocatício, a alocação política, o discurso publicitário, o discurso pedagógico, o sermão religioso, os tratados filosóficos, científicos e teológicos, o discurso poético satírico ou laudatório etc. e, latitudinariamente, distende-se a outras áreas como o cinema, a literatura e a mídia de modo geral.

Nietzsche, filósofo contestador da palavra proclamadora da utopia cristã, autor da moral que ressalta a cultura da energia vital e a vontade de poder que elevam o homem à categoria de “super-homem”, na terceira parte do livro *Assim falou Zaratustra*, assume uma natureza lírica e poética ao definir **as palavras**:

Como é agradável que existam palavras e sons; não são, palavras e sons, arco-íris e falsas pontes entre coisas eternamente separadas?

(...) Falar é uma bela doídice: com ela o homem dança sobre todas as coisas.²⁷

O arco-íris, porém, ponte ilusória entre coisas eternamente separadas, pode esmaecer, e, desbotadas, “as palavras arco-íris” provocam danças de guerra, de ódio, de discriminação e de injustiças sociais. As religiões, que deveriam aproximar os homens em um diálogo universal, muitas vezes são causadoras de guerras e de manifestações sectárias que beiram o racismo, amordaçando a voz da liberdade. O diálogo diplomático é preterido ao ribombar dos canhões e à sofisticação das armas modernas. A ameaça de uma guerra nuclear é um pesadelo que faz reviver a hecatombe que dizimou as cidades japonesas na Segunda Grande Guerra.

Nesse contexto, as relações interpessoais entram em crise – *homo homini lupus*. As relações internacionais, fragmentadas por países ricos e pobres, pela prepotência das nações beligerantes e pela fragilidade dos territórios dominados, pelo ímpeto

²⁶ ORLANDI, Eni P. **apud** Citelli, Adilson. **Linguagem e persuasão** (Série Princípios nº 17). 16.ed. 1. impressão. São Paulo: Ática, 2004, p. 51-52.

²⁷ NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra**. Trad. de Mário da Silva. 11.ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, p. 259. (Grifo nosso).

do discurso apodítico a obstaculizar, pela força, os que se lhes opõem, sufocam a esperança de reaproximar os homens no exercício dialógico de uma sonhada concórdia universal.

As palavras, sobrepujando a distância que separa os povos, precisam reaver suas cores! A retórica deve tornar-se o instrumento que embale os sonhos e os ideais do homem dos próximos tempos.

Conclusão

Na Bíblia, Deus utilizou-se de manifestações cosmológicas para “falar” ao homem e persuadi-lo de sua existência. A distância, talvez, entre o homem e a grandiosidade da natureza, não logrou o êxito desse intento. Veio, então o Verbo Encarnado. O Cristo, recorrendo muitas vezes às figuras de linguagem como recursos argumentativos, interagindo, quebrou o silêncio do cosmo e falou mais de perto ao coração e à alma do homem. Na manifestação teofânica do Espírito Santo, línguas de fogo abrasaram e inflamaram o discurso do pentecostes.

A retórica é a arte de persuadir por meio do discurso e o discurso necessita sobrepor-se à distância que separa os homens, entrelaçando-os, não apenas por meio da comunicação virtual, mas de uma proximidade que expresse o altruísmo, a solidariedade e o calor humano.

A glossolalia do pentecostes serve de paradigma ao burburinho do mundo contemporâneo. É mister que, apesar das diferenças étnicas, ideológicas e culturais, o homem aprenda a falar e a ouvir a linguagem da compreensão e da paz.

Referências

A Bíblia de Jerusalém. 2. impressão, São Paulo: Paulinas, 1992.

ARISTÓTELES. **Arte retórica e arte poética** (Col. Universidade de Bolso). Trad. de Antônio Pinto de Carvalho. Rio de Janeiro: Ediouro, s.d.

BUBER, Martin. **Eu e tu.** Trad. de Newton Aquiles Von Zuben. 8.ed. São Paulo: Centauro, 2004.

CITELLI, Adilson. **Linguagem e persuasão** (Série Princípios 17). 16. ed., 1. impressão. São Paulo: Ática, 2004.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra.** Trad. de Mário da Silva. 11.ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado de argumentação.** Trad. de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

TORRINHA, Francisco. **Dicionário latino-português.** 3.ed. 3. tiragem. Porto: Gráficos

168 Reunidos, 1986.

SERMÕES: **Padre Antônio Vieira** (Tomo I). Org. e introdução Alcir Pécora. 2. reimpressão. São Paulo: Hedra, 2001.

SÓFOCLES. **Filoctetes**. Versão do grego, trad. e notas de José Ribeiro Ferreira. Porto Alegre: Movimento, 2002.